

Nova estratégia de negociação

por Peter Montagon
do Financial Times

Uma nova estratégia para obter bilhões de dólares para os países latino-americanos, abalados pelo problema da dívida, estava emergindo ontem à noite, após dois dias de conversações entre México e seus principais bancos credores em Nova York.

O diretor do crédito público do México, Angel Gurria, declarou que seu país poderia necessitar de entre US\$ 2 bilhões e US\$ 3 bilhões em novos créditos neste ano, mas — pela primeira vez desde a irrupção da crise da dívida — os menores credores não seriam coagidos a colocar novos recursos.

Como um incentivo aos maiores credores, o México está disposto a buscar um novo acordo para um empréstimo "stand by" do

Fundo Monetário Internacional (FMI), o que o obrigará a adotar medidas políticas para ajustar sua economia, disse Gurria.

A estratégia mexicana parece marcar o fim de uma era de empréstimos forçados que tem caracterizado os pacotes de resgate bancários para os países em desenvolvimento desde a eclosão da crise da dívida, em 1982. Nos empréstimos forçados, todos os credores, inclusive os de pequeno porte, são obrigados a fornecer novos recursos em proporção ao seu comprometimento existente.

NOVA ESTRATEGIA

Embora os pormenores da nova estratégia ainda devam ser definidos, os banqueiros esperam que esta estabeleça maior ênfase a sistemas de financiamentos cooperativos, com agências como o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento.

Esse sistema já foi tentado no último empréstimo bancário de US\$ 1,1 bilhão ao Chile, em parte destinado para a construção de rodovias e garantido pelo Banco Mundial. O Uruguai também está negociando um sistema "voluntário" de co-financiamento do Banco Mundial, totalizando US\$ 45 milhões, junto ao seu próximo reescalonamento.

No entanto, a estratégia mexicana deverá constituir o primeiro teste importante sobre a disposição dos bancos de continuarem a fornecer grandes volumes de crédito, depois que os credores de menor porte abandonarem os novos acordos.

O secretário do Tesouro, James Baker, deveria enfatizar a necessidade de os maiores bancos continuarem apoiando os países devedores em uma reunião com os principais executivos bancários dos Estados Unidos programada para ontem à noite, em Washington.

PROTEÇÃO DE ATIVOS

A nova estratégia tornou-se necessária devido à crescente dificuldade em persuadir os menores credores a fornecerem novos recursos. Mesmo um banco norte-americano de dimensões consideráveis evitou por vários meses fornecer sua parcela no recente crédito de US\$ 4,2 bilhões à Argentina.

O México dispõe de cerca de setecentos bancos credores em todo o mundo, mas um pequeno grupo, de talvez cem instituições, forneceu o grosso da dívida. Os novos acordos financeiros deverão concentrar-se nesse grupo, que tem de proteger seus ativos já fornecidos ao México.

Até o momento, o México forneceu apenas uma avaliação preliminar de suas necessidades financeiras para o próximo ano aos bancos. Não está claro

também se o financiamento de um pagamento de US\$ 950 milhões do principal da dívida aos bancos, vencível nesta semana, será incluso entre essas necessidades.

DINHEIRO NOVO

As estimativas iniciais, entretanto, sugerem que o México deverá receber empréstimos líquidos de aproximadamente US\$ 800 milhões do Banco Mundial e do BID e um montante líquido análogo do FMI, no próximo ano. Os Estados Unidos deverão emprestar US\$ 1 bilhão por intermédio de sua Commodity Credit Corporation.

Grande parte do êxito do plano dependerá dos resultados das negociações entre o México e o FMI, nas quais as partes estão tendo sérias divergências devido ao fracasso mexicano em atingir as metas sobre gastos públicos.

Antes do terremoto, há duas semanas, o FMI esperava concluir suas negociações com o México até sua conferência anual em Seul, na próxima semana. Agora, qualquer anúncio em Seul se limitaria a um empréstimo de emergência do FMI ao país, em consequência do sismo.

Este não se incluiria no novo acordo "stand by", para o qual o México necessitará fornecer detalhadas estatísticas econômicas e uma nova carta de intenção.